

## A DESCRIÇÃO DAS ALDEIAS DO POVO APINAYÉ: uma análise do letramento indígena

Daylison Santos da Silva<sup>1</sup>, Francisco Edviges Albuquerque<sup>2</sup>, Paulo Hernandes Gonçalves da Silva<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Colinas do Tocantins, Acadêmico de Licenciatura em Computação e Bolsista de Iniciação Científica, daylisonsantos@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Araguaína, Doutor em Letras, fedviges@uol.com.br

<sup>3</sup>Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Colinas do Tocantins, Doutorando em Letras e Professor de Linguagens, paulohg@ifto.edu.br

**Resumo:** O presente artigo evidencia a caracterização das aldeias tradicionais do povo Apinayé, que são habitantes do norte do Estado do Tocantins. Tem-se um estudo que evidencia a cultura e a língua, retomando perspectivas do letramento indígena. Adotou-se a metodologia da revisão de literatura, com base nos estudos de pesquisadores, que possuem conhecimento aprofundado sobre esse povo, com destaque para Nimuendajú (1983), Da Matta (1976), Giraldin (2000) e Albuquerque (2012). Dentre os resultados alcançados, tem-se a discussão sobre a importância de se conhecer os elementos culturais e sociais indígenas, como no caso das aldeias, com o objetivo de manutenção de sua língua materna.

**Palavras-chave:** aldeias, Apinayé, letramento, Sociolinguística

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O contato do povo indígena Apinayé com os não-indígenas tem os primeiros relatos escritos desde o século XVII, sempre com relação ao trabalho realizado pela igreja católica, o que fica evidenciado para Nimuendajú (1983, p. 1) que “os primeiros civilizados a alcançar essas alturas foram os jesuítas Pe. Antônio Vieira, Francisco Veloso, Antônio Riveiro e Manoel Nunes, que, entre os anos de 1633 e 1658 empreenderam quatro entradas, Tocantins acima, a fim de descerem índios para as aldeias do Pará”.

À proporção que os percursos pelos rios Araguaia e Tocantins foram sendo realizados, os contatos com os grupos indígenas que iam se firmando e tornando, portanto, mais exatas as referências ao povo Apinayé. Os dois rios, por conseguinte, foram muito importantes para o processo, pois tiveram várias expedições coloniais, que percorreram suas águas, tanto de deslocamentos oriundos do sul do Brasil, mas também de pessoas com origem no Maranhão e Pará, cujo objetivo principal era a demarcação e a busca pela garantia da posse dessas terras (DA MATA, 1976).

Embasado na revisão bibliográfica, este artigo objetiva demonstrar a caracterização das moradias tradicionais do povo Apinayé, observadas na perspectiva do letramento. Os dados aqui apresentados, apesar de ocorrerem numa sistematização resumida, possuem justificativa por evidenciar a importância do conhecimento destes aspectos para a preservação do referido povo, bem como para a perpetuação de seus traços culturais e linguísticos.

Esclareça-se que povo indígena Apinayé é pertencente ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê. Esta etnia habita o Estado do Tocantins, no entorno do município de Tocantinópolis, possuindo

população de 2.498 habitantes (DSEI, 2016), distribuídos por 24 aldeias (SEDUC, 2016), distante 550 km da capital Palmas/TO.

Quanto à problemática sociolinguística, esclareça-se que o povo Apinayé é bilíngue e mantém com vitalidade seus hábitos e costumes tradicionais, apesar de sofrerem a imposição cada vez mais acirrada causada pelo contato direto com os não-indígenas, e desta forma, observa-se a importância do conhecimento de sua organização social (as aldeias) para a manutenção da língua materna. E por isso, compreender o processo de letramento indígena das crianças Apinayé, a partir de sua visão de mundo do espaço sociocultural que ocupa, com ênfase na descrição das aldeias do referido povo é muito relevante para o processo linguístico. Tem-se um estudo que objetivou evidenciar os aspectos culturais e sociolinguísticos, retomando as perspectivas do letramento indígena.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O meio social e a leitura de mundo dos indígenas**

Para Mussi e Calderoni (2014), os povos indígenas brasileiros desenvolveram em suas leituras de mundo, a capacidade de explicar o que para eles era inexplicável, bem como a origem do mundo e das coisas, os ciclos da natureza, sua condição humana de homem ou mulher, os lugares sociais de cada um, a grandiosidade do cosmos, a vida e a morte, que vem sendo passado de geração após geração, com ênfase na cultura oral.

Em muitas sociedades indígenas, o cosmos está ordenado em diversas camadas, onde se encontram divindades, fenômenos atmosféricos e geográficos, animais e plantas, montanhas, rios, espíritos de pessoas e animais, ancestrais humanos e entes sobrenaturais. Estas diversas sociedades indígenas elaboram suas próprias explicações a respeito do mundo, dos fenômenos da natureza, dos espíritos, dos seres sobrenaturais e, também, do momento em que surgiram os seus ancestrais, numa perspectiva cosmológica (RAMOS, 1986).

Nesta perspectiva, conforme Castanheira et al (2000), os mitos são criados pelos indígenas para contar suas histórias, pois o mito é uma linguagem essencialmente simbólica originada da cultura específica de cada sociedade dentro de seus conceitos culturais, levando-os a uma reflexão de como foi o passado da sociedade em questão, de como ela é no presente e como pode ser no futuro. A linguagem falada pelo indígena, vinculada ao mito e aos conhecimentos comuns da aldeia, precisa ser respeitada. É impossível ensinar a linguagem letrada ao indígena sem se levar em consideração a leitura de mundo que possui.

## 2.2 As aldeias para os povos Timbira

A diversidade cultural passou a ser reconhecida como um elemento constitutivo da nação brasileira, a partir do advento da Constituição Federal de 1988. Alinhado a esse reconhecimento, são estabelecidos os direitos dos povos indígenas à sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições (FONSECA, 2007).

O povo Apinayé é responsável por uma complexa organização social, composta por vários sistemas que se configuram por metades (dualidades) e rituais, conforme nos orienta Rodrigues (1986), de forma, que apesar de viverem em situação de contato com os não-indígenas, com interferência no modo de vida das comunidades, eles viabilizam mecanismos que permitem a preservação de suas formas de vida, que se manifestam em atividades culturais próprias do grupo, além da língua materna que se mantém ativa.

Essa estrutura segue uma orientação cosmológica expressada nos mitos de origem, que são reproduzidos e vividos em processos contínuos de rituais e cerimônias. A organização cosmológica orienta a vida pessoal, social, cultural, política, religiosa e espiritual dos indivíduos das comunidades indígenas, na medida em que define quais são os valores a serem observados e as conseqüências que podem gerar quando não são obedecidos pelos membros da comunidade (FONSECA, 2007).

Antropologicamente considerado povo Timbira (GIRALDIN, 2000), o Apinayé apresenta certa peculiaridade quanto ao formato de sua aldeia. A planta circular da aldeia em comparação da extensão linear das cidades não indígenas, os Apinayé considera finito e definido ou fechado como o universo é completo e definido (ALBUQUERQUE, 1999). Também a planta da aldeia consiste da periferia das famílias e o pátio representa os dois pares de metades cerimoniais. Os Apinayé têm dois sistemas de relacionamento, o familiar e biológico e o cerimonial que estabelece uma nova identidade da sociedade. É uma divisão entre a vida familiar e privada das casas e a vida social e pública, que melhor será evidenciado nos desenhos da seção quatro.

## 2.3 As perspectivas do letramento indígena

O trabalho integrado de pesquisa entre a organização social (aldeias) e o letramento de um povo indígena, merece a consideração de Brito (2007), pois a cultura letrada está presente na maioria das sociedades atuais, de modo que dominar o código escrito torna-se imperativo. Por outro lado, não basta saber decodificar letras, é necessário que a escrita faça sentido para o próprio leitor. Aprender a ler e escrever representa dispor do conhecimento elaborado e poder usá-lo para participar e fazer intervenção na sociedade.

Assim, a maioria das sociedades indígenas brasileiras, apesar de ter sua cultura baseada na oralidade, encontra-se inserida no contexto da sociedade letrada. Esta situação, devida ao contato próximo e constante com a sociedade envolvente (não-indígena), cria uma condição de bilinguismo compulsório. Por isso, o acesso aos usos e benefícios da leitura e da escrita não é apenas uma questão de escolha, mas de necessidade para esse povo (MAHER, 2007).

Quanto à diferenciação entre alfabetização e letramento, tem-se as considerações de Castanheira et al (2000), e que neste caso, se aplica aos povos indígenas, no tocante à consideração necessária à sua leitura de mundo, o que neste caso específico será a sua descrição da sua sociedade, ou seja, da sua aldeia. Tem-se um argumento que justifica o uso do termo letramento no lugar de alfabetização está no fato de que, em certos contextos culturais, ou mesmo classes sociais, as crianças já estão expostas a um ambiente letrado muito antes de se alfabetizarem.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

Este artigo utilizou preliminarmente da revisão de literatura relacionada ao povo Apinayé, uma vez que este tipo de pesquisa compreende o processo de busca, análise e descrição dos referenciais teóricos e outros materiais relevantes para a consecução dos objetivos. Promoveu-se um estudo de natureza descritiva, que se apoiou em documentos, levantamentos e abordagens de campo, com o fim de caracterização das aldeias do referido povo (ANDRADE, 2006).

Por conseguinte, Köche (2016) evidencia que os objetivos do estudo devem ser formulados coerentemente e concisos para apresentar discussões adequadas ao problema, neste caso, espera-se como resultados e discussão os três pontos básicos a seguir: a) a abordagem sobre letramento indígena, por meio de texto descritivo com citação; b) a representatividade da leitura de mundo, com base em textos e citações; e c) a descrição das aldeias Apinayé, com o reforço de desenhos e textos produzidos pelos indígenas.

Com os preceitos metodológicos de Severino (2016), observou-se a natureza da pesquisa em que se busca descrever uma realidade, seja com base em uma necessidade prática, seja com base na tentativa de comprovar uma tese ou hipótese, em grande parte de suas aplicações servindo para fundamentar e respaldar decisões, o que permitiu que fossem apresentados os aspectos culturais, sociais e linguísticos relacionados ao povo indígena, consolidados nos autores com relevância no tema, como Albuquerque (2012), Girdalin (2000) e Nimuendajú (1983).

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao se abordar a descrição das aldeias do povo Apinayé, com base na sua própria visão e na perspectiva dos estudiosos, vale destacar que socialmente esse povo se organiza em duas metades – Kooti e Koore – consoante ao que estabelece Da Matta (1976), uma vez que cada parte representa a expressão de um dualismo diametral. Assim, ocorre um princípio de simetria entre os elementos classificados por este sistema: leste/oeste; sol/lua; dia/noite; verão/inverno. Giralдин (2000), cita que o povo Apinayé tem o sol e a lua como as duas entidades que criaram o universo e os seres humanos, bem como são elementos cosmológicos relacionados à forma de vida, de se organizar socialmente e da forma como são concebidas as suas aldeias, conforme os detalhes que seguem no desenho, com a aglomeração das casas:

**Figura 1 – Desenho com representação da aldeia Apinayé**



Fonte: Albuquerque (2008, p. 203)

Os itens desenhados na figura 1, de autoria do professor indígena Júlio Kamêr Apinajé, disponível na obra “Português Intercultural”, de autoria de Francisco Edviges Albuquerque (2008), evidencia uma aldeia peculiar desse povo, em que casas, quintais, árvores e demais elementos são estruturados em formato circular, em torno de um grande pátio, que se configura como um espaço de decisões das lideranças, bem como de festividades. Todos estes detalhes evidenciam o conhecimento de mundo dos indígenas, e por fim, integralizam o seu processo de letramento.

O esmiuçamento dos detalhes constantes da figura 1, embasado pelos conhecimentos de Albuquerque (2007), no que se refere à estrutura das aldeias, traz a observação de que o povo Apinajé possui o hábito de edificar suas aldeias em campos abertos, e na maioria das vezes, adjuntas aos rios, córregos ou nascentes. No que diz respeito à construção de cada casa, detectou-se que são feitas de barro batido ou de palha, com a cumeeira coberta de palhas de palmeiras da região. Com frequência, verifica-se casas com paredes internas dimensionadas com esteiras (tapumes) de palha de babaçu.

Além da representação por desenho, que é grande aspecto no processo de construção do letramento, observou-se que a professora indígena Diana Apinajé publicou uma narrativa em língua portuguesa, que discorre sobre como são organizadas suas aldeias consoante à sua tradição indígena, conforme consta em outra obra organizada por Albuquerque (2012), com o título “Do texto ao texto: leitura e redação“:

### **Texto: A História da aldeia do povo Apinajé**

O povo Apinajé que mora nas aldeias não esquece a fala e nem a cultura, sempre passa seus conhecimentos para as crianças, jovens que estão nascendo e crescendo. Para isso, o povo Apinajé possui o local próprio, para brincar e ensinar os conhecimentos para todos os indígenas. A aldeia Apinajé é em forma de círculo. No meio da aldeia, tem o pátio, onde os mais velhos repassam os ensinamentos aos mais novos. Quando se faz a festa no pátio, todos vão participar, as mulheres, os homens e as crianças, cantando, brincando até o dia amanhecer. Por isso, o pátio é muito importante para o povo Apinajé. Para a cultura indígena, o pátio é mais importante, pois as festas, danças e certos rituais são realizados também no pátio, onde toda a comunidade participa com a presença de todos os indígenas, cantando muito alegres e felizes. No Pátio, também, ocorrem outras manifestações culturais como, a Corrida da Tora, Corrida da flecha, Dança de rua, com as pinturas próprias de cada Partido (ALBUQUERQUE, 2012, p. 50)

A narrativa em destaque apresenta a maneira tradicional de organização social das aldeias. Por isso, Albuquerque (2007) apresenta que as aldeias possuem pátio, local para se fazer as reuniões, e as casas são aparelhadas em formato de círculo, ficando uma rua central, onde à tardinha ou à noite, as famílias colocam suas esteiras para conversar, fazer artesanatos e contar suas histórias, pois para o autor o trabalho com as memórias de um povo indígena se faz pela transferência das histórias orais.

Por sua vez, no ato da produção oral, o narrador demonstra os fatos ocorridos com marcas de subjetividade. Nesse caso característico, a professora indígena Diana Apinajé atribui seu olhar de sujeito-autora à narrativa, transmitindo experiências pessoais e emoções sobre a sua realidade social, uma vez que as aldeias são aglomerações que ocupam importante papel no sentido da caracterização da história e da cultura de uma sociedade.

Abordar a discussão sobre letramento na perspectiva da educação escolar indígena, tem-se conforme Meliá (1979), um processo mais complexo para a aprendizagem da leitura. Conforme o

autor, a ação pedagógica para os indígenas integra sobretudo três círculos relacionados entre si: a língua, a economia e o parentesco. São os círculos de toda a cultura integrada a contextos aos quais se inserem os povos. De todos eles, porém, a língua é o mais amplo e complexo. O modo como se vive esse sistema de relações caracteriza cada um dos povos indígenas, da mesma forma, o modo como se transmite para seus membros, especialmente para os mais jovens. Todas essas prerrogativas definem a ação pedagógica para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita dos povos indígenas.

Aquele indivíduo que conhece sua língua e sua cultura, se amplia adequadamente enquanto cidadão. Torna-se, portanto, um membro de uma coletividade, que com mais eficiência reconhece o seu lugar e a sua responsabilidade na sociedade. As línguas são vitais, funcionam como formas de vida, que recortam o mundo, produzem e comunicam valores e constroem perspectivas e sociedades. Para os povos indígenas, a linguagem expressa e organiza as cosmologias, racionalidades, temporalidades, valores e espiritualidades. Evidencia-se que uma língua origina e organiza o mundo, pois é um material constituído de culturas, de sujeitos políticos e humanos (Luciano, 2006).

Albuquerque (2007) demonstra a relevância das aldeias no processo linguístico e de letramento indígena, conforme segue:

Ao longo dos anos de contato com a sociedade envolvente, os povos Apinayé vêm tentando manter-se enquanto comunidade minoritária, enfrentando conflitos tanto de ordem social quanto linguística, religiosa e cultural. Mesmo diante de tal situação, os Apinayé têm aumentado suas aldeias e conseqüentemente a sua população. Como podemos observar, ao longo dos anos as aldeias Apinayé vêm se espalhando em toda extensão de seu território. Contudo, mesmo diante dessa situação, os Apinayé, segundo Da Matta (1976, p. 66), têm orgulho da forma de suas aldeias: embora elas não sejam mais fisicamente circulares, sua forma sociológica mantém o formato de círculo, mesmo em Mariazinha, que é uma aldeia em forma de rua. Assim, a aldeia para esses índios é como um diagrama em que se imprimem e se descobrem as relações dos homens com a natureza e as relações dos homens com as categorias que os governam (ALBUQUERQUE, 2007, 212-213).

O letramento aqui abordado à luz de Albuquerque (2007), diz respeito ao fato do povo Apinayé, ter sua leitura estabelecida a partir da perspectiva de mundo e do espaço sociocultural que ocupa, perpassando desde os elementos rotineiros até a sua visão cosmológica, que é muito mais que alfabetização e sim, letramento.

Vale a confirmação de que o povo Apinayé é bilíngue e mantém seus hábitos e costumes tradicionais, apesar da injunção cada vez mais frequente pelo contato direto com os não indígenas, neste caso com o município de Tocantinópolis/TO. O convívio com a sociedade envolvente, fez com que o povo buscasse a manutenção enquanto comunidade minoritária, confrontando-se com dificuldades e conflitos tanto de ordem social quanto linguística, educacional, religiosa e cultural.

Mesmo nestas condições, os Apinayé têm aumentado o número de suas aldeias e conseqüentemente a quantidade de pessoas em sua população (ALBUQUERQUE, 2007).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem sociolinguística deste artigo levou à conclusão de que é necessário compreender o processo de letramento indígena do povo Apinayé, que se estabelece a partir da perspectiva de mundo e do espaço sociocultural que ocupa, perpassando desde os elementos rotineiros até a sua visão cosmológica.

Notou-se que a descrição das aldeias desse povo é muito relevante para o processo linguístico, uma vez que num contexto escolar, os conhecimentos sobre sua organização social (suas moradias), sobre a alfabetização e o letramento são vistos numa concepção social da leitura e da escrita.

A análise dos desenhos e das narrativas conduziram ao conhecimento de que os povos indígenas brasileiros desenvolveram em suas leituras de mundo, a capacidade de explicar o que para eles era inexplicável, bem como a origem do mundo e das coisas, os ciclos da natureza, sua condição humana de homem ou mulher, os lugares sociais de cada um, a grandiosidade do cosmos, a vida e a morte. Portanto, a leitura de mundo remete ao letramento indígena em questão.

Por fim, concluiu-se também que a organização social Apinayé, no que se refere à estrutura das aldeias, se consolida no hábito de edificar suas aglomerações em campos abertos, próximas aos rios, córregos ou nascentes. No tocante, à construção de cada casa, detectou-se que são feitas de barro batido ou de palha, com a cumeeira coberta de palhas de palmeiras da região. Com frequência, verifica-se casas com paredes internas dimensionadas com esteiras (tapumes) de palha de babaçu.

Não obstante, fica o anseio de melhor compreender sobre a população do povo Apinayé e a caracterização de cada aldeia dessa etnia, o que trará mais uniformidade aos conhecimentos aqui apresentados, solidificando a aprendizagem de elementos que são fundamentais para os estudiosos sociolinguísticos, o que neste caso específico, ocorreu com povos indígenas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F.E. **Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o português: aspectos da situação sociolinguística.** Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística apresentada à Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

ALBUQUERQUE, F.E. **Contribuições da Fonologia ao processo de educação indígena Apinayé.** Tese de Doutorado. Universidade federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007.

ALBUQUERQUE, F.E. **Português Instrumental**. Fortaleza/CE. Printcolor, 2008.

ALBUQUERQUE, F.E (Org). **Do texto ao texto: leitura e redação**. Belo Horizonte/MG - Editora da Faculdade de Letras (UFMG), 2012.

ANDRADE, M. M.de. **Introdução do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRASIL. República Federativa do. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRITO, L.P.L.de. **Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento**. Calidoscópico. Vol. 5, n. 1, p. 24-30, jan/abr 2007.

CASTANHEIRA, M.L.; CRAWFORD, T.; DIXON, C.N; GREEN, J. **Interactional ethnography**: an approach to studying the social construction of literate practices. *Linguistics and Education*, v. 11, n. 4, p. 354-400, Winter 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/222655600\\_Interactional\\_Ethnography\\_An\\_Approach\\_to\\_Studying\\_the\\_Social\\_Construction\\_of\\_Literate\\_Practices](https://www.researchgate.net/publication/222655600_Interactional_Ethnography_An_Approach_to_Studying_the_Social_Construction_of_Literate_Practices). Acesso em: 25mar2018.

DA MATTA, R. **Um mundo dividido**: a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.

DSEI/TO (2016). Distrito Sanitário Especial Indígena do Estado do Tocantins do ano de 2016. **Atenção à Saúde dos Povos Indígenas** - Caracterização e Estágio da Implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsapi>, acesso em 06mai2018.

FONSECA, M. C. L. **A diversidade linguística no Brasil: considerações sobre uma proposta de política**. Dossiê Línguas do Brasil, Patrimônio – revista eletrônica do IPHAN nº 6, -Jan./Fev. de 2007. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=215>. acesso em 02jul2018

GIRALDIN, O. **Axpên Pyràk**. História, cosmologia, onomástica e amizade formal apinaje. Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, Campinas, 2000.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 35. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2016.

LUCIANO, G.S. **O Índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – MEC/SECADI, Editora LACED do Museu Nacional, Brasília/DF, 2006.

MAHER, T.M. **Do casulo ao movimento**: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CACALCANTI, Marilda C. e Bortoni-Ricardo, Stella Maris (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MELIÁ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

MUSSI, V.P.L.; CALDERONI, V.A.M.O. **Culturas e História dos Povos Indígenas**. Editora UFMS, Campo Grande, 2014.

NIMUENDAJÚ, C. **Os Apinayé**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1983

RAMOS, A.R. **Sociedades Indígenas**. São Paulo. Ática, 1986.

RODRIGUES, A.D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SEDUC. Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. **Gerência de Desenvolvimento da Educação Indígena do Estado do Tocantins no ano de 2016**. Disponível em:  
<http://seduc.to.edu.br/educacaoindigena>. Acessado em: 20jan-2018.